

Apoiantes de Salgado Zenha aguardam chamada para cerimónia de lançamento

A CANDIDATURA de Salgado Zenha à Presidência da República era ontem dada como «praticamente certa» ou «altamente provável» (em linguagem jurídica) por todas as figuras contactadas pelo EXPRESSO e normalmente tidas como próximas daquele possível candidato, entre os quais António Arnaut, que pela primeira vez sugeriu o seu nome. Em declarações a este jornal, Arnaut considerou mesmo que só um «facto imprevisto» poderia levar Zenha a não se candidatar e que está à espera a todo o momento de ser chamado a Lisboa para participar na «cerimónia pública» em que Zenha dará conta dos seus propósitos.

Salgado Zenha teve a este respeito uma conversa com Ramalho Eanes, na noite de terça-feira, e deslocou-se a casa de Henrique de Barros na quarta, a quem comunicou a sua intenção de se candidatar, recebendo deste entusiástico apoio.

Ao que o EXPRESSO pôde apurar, não está ainda decidida a posição que o presidente da República assumirá em relação à candidatura do ex-dirigente socialista. O apoio público que Eanes dera a Costa Braz constitui hoje um factor de inibição do Presidente, embora este tenha pelo ex-dirigente do PS uma posição de «estima» e



«respeito» que torna difícil a recusa liminar de apoio, que revestirá sempre em qualquer caso uma forma «discreta».

Na conferência de Imprensa que deverá ocorrer no princípio da próxima semana, Salgado Zenha poderá dizer simplesmente «estar convencido que conta com o apoio de Eanes».

Seja como for, uma fonte muito próxima do potencial candidato disse ao EXPRESSO que ele «não se deixará pressionar por ninguém» e que a sua decisão será tomada tendo em conta «o novo enquadramento político do país, depois das eleições legislativas», e também «as condições de viabilidade da respectiva candidatura». A mesma fonte, embora nos tenha admitido que Zenha «está a considerar muito seriamente o

assunto», acrescentou que esta é uma decisão «que terá de tomar sozinho».

Sabe-se, por outro lado, que Salgado Zenha, juntamente com Costa Braz, Figueiredo Dias e Ferrer Correia, desde sempre fizera parte de um lote de prováveis candidatos eanistas.

Medeiros Ferreira no «staff» de Costa Braz?

Entretanto, começaram a tornar-se mais claras as razões que levaram à desistência de Costa Braz e que se prendem com a «falta de convicção», na opinião do coronel, do «staff» encarregado de lançar as bases da sua candidatura (cuja operacionalidade não se terá revelado particularmente eficiente), do qual faziam parte João Botelho, Miguel Caetano, José Rabaça, Melo Antunes, Cunha Leal e Soares Louro.

Refira-se que este «staff», a que se juntará provavelmente Medeiros Ferreira, deverá transitar inteiro para a preparação da candidatura de Salgado Zenha.

A desistência de Costa Braz ficou decidida na sexta-feira, numa reunião em que participaram, além dele, Ramalho Eanes e membros da equipa de

(Continua na pág. 24)



Salgado Zenha e Pintasilgo aplaudem Eanes em Fevereiro deste ano; dez meses depois, eles preparam-se para dividir o eleitorado eanista

«Staff» de Salgado Zenha será o mesmo de C. Braz

(Continuação da pág. 1)

lançamento, mostrando-se estes na generalidade muito cépticos quanto à recolha de apoios.

Perante esta situação, que Costa Braz entendeu como uma falta de empenhamento do «staff» de apoio, e face à situação confusa que se vivia no PRD, o coronel decidiu-se pela desistência da candidatura.

Sabe-se ainda que, logo a seguir às eleições legislativas houve no PRD uma reunião para tratar da questão presidencial, em que estiveram membros da Comissão Directiva, da Comissão Consultiva (Adelino da Palma Carlos, Rabaça, Botequilha e Caetano, estando ausente Marques do Carmo) e Henrique de Barros. Embora a generalidade dos membros da Comissão Directiva não tivesse ainda conhecimento do compromisso de Eanes com Costa Braz, concluiu-se que a Alta Autoridade poderia ser uma boa candidatura.

Após as primeiras notícias publicadas na Imprensa sobre a

disponibilidade do coronel e o apoio de Eanes, vários elementos do PRD manifestam-se porém radicalmente contra, acabando por ser decisiva a reunião da sexta-feira da semana passada em que se verificou não se ter avançado nada em relação à programação estabelecida.

A renúncia de Costa Braz foi recebida com surpresa em certos círculos do PRD, enquanto outros não escondiam o seu entusiasmo, já que sen pre tirham isto com melhores olhos a hipótese Salgado Zenha, cuja candidatura terá mesmo o apoio do líder, Herminio Martinho.

Ex-secretariado inquieto

Regista-se, entretanto, um clima de viva preocupação entre os elementos do chamado ex-secretariado do PS, que já foram liderados por Zenha quando dos confrontos internos do partido em 1980/81, tendo mesmo alguns destes elementos

feito chegar ao potencial candidato vários «recados» sobre a inconveniência política da sua participação nas presidenciais.

Os principais dirigentes do ex-secretariado, que — embora mantenham relações cordiais de amizade pessoal com Zenha — de há muito dele se afastaram politicamente, temem sobretudo que o congresso do PS se torne num verdadeiro campo de batalha, em caso de derrota eleitoral de Mário Soares.

Várias fontes, por outro lado, têm interpretado a inesperada ida de Salgado Zenha à recepção dada na quinta-feira passada pela embaixada soviética como uma forma de este potencial candidato medir a reacção do PCP à sua eventual candidatura. Zenha, se for candidato, terá de contar naturalmente com os votos (ou parte dos votos) comunistas e a verdade é que o ex-dirigente socialista foi o homem que enfrentou o PCP na luta contra a unicidade sindical, no Inverno de 1974-75 (ver pág. 19-R).



- o
- o
- o

pa
A

Fundação Cuidar o Futuro

FONTE DE INFORMAÇÃO

Expresso

Nº DE REGISTO

AJ

DATA

9-11-85

Nº

PÁG



actual nacional

partidos

A tragédia prematura do PRD

Teresa de Sousa

Duas retiradas — a de Costa Braz da corrida presidencial e a das listas de candidatos do PRD à Câmara de Lisboa por alegadas falsificações — assinalam a tragédia prematura de um partido cuja ascensão meteórica não salvou da indefinição

A ÚLTIMA SEMANA não poderia ter sido mais trágica para o mais jovem dos partidos portugueses. Recém-saído da sua primeira prova de fogo eleitoral — na qual, reclamando-se de «partido de Eanes» e de «partido da ética», conseguiu obter o bonito «score» de 18 por cento do eleitorado — o PRD viu-se confrontado, nos últimos dias, com a derrota pessoal do seu líder espiritual (ao não conseguir fazer passar o seu próprio candidato a Belém) e envolvido numa triste história de «irregularidades» que o obrigariam a retirar as suas listas de candidatos à Câmara e à Assembleia Municipal de Lisboa.

Recordemos os factos. A 1 de Novembro, o coronel Costa Braz anunciava subitamente a sua retirada da corrida para Belém onde já era dado como competidor efectivo, depois de se ter apresentado como «disponível» para se candidatar à Presidência e ter recebido o apoio pessoal e público do general Eanes.

Escassas horas depois, o Partido Renovador Democrático tornava igualmente pública a retirada das listas de autarcas concorrentes aos órgãos municipais da capital, as quais eram encabeçadas por um outro militar próximo de Ramalho Eanes, o tenente-coronel Vitor Alves. Começaria, de resto, aí o deslizar de um novelo de situações obscuras que viria a culminar, na quarta-feira passada, com o pro-

cedimento criminal contra o PRD por parte do juiz do 11.º Tribunal Civil por alegada suspeita de falsificação de assinaturas constantes das referidas listas.

Carlos Lilaia, o porta-voz dos renovadores, era obrigado a ir à Televisão admitir os «erros» cometidos no processo de preparação das listas e anunciar «inquéritos disciplinares» destinados a «apurar responsabilidades». Nesta altura, recorda-se, já se encontravam demissionárias as comissões distrital e concelhia do PRD de Lisboa, chefiadas respectivamente por Dias Coelho e Couto Moreira.

No espaço breve de uma semana, o «partido novo» dos renovadores parecia tornar-se num partido igual aos «velhos», enquanto o seu mentor ainda, fecho no Palácio Cor-de-Rosa, sofria uma assinalável derrota política ao não conseguir fazer avançar a candidatura de Costa Braz.

Nas abaladas fileiras do PRD apenas parecia restar uma derradeira esperança capaz de compensar os escolhos deste princípio de viagem — a de que viesse a concretizar-se a candidatura presidencial de Salgado Zenha, considerada por muitos dos seus dirigentes como «a mais adequada possível à estratégia actual do partido».

Costa Braz: faltou quase tudo

Mas porque desistiu Costa Braz tão subitamente?

A verdade é que, de todas as condições avançadas pelo coronel para passar da «disponibilidade» a candidato «efectivo», apenas parece ter sido concretizada a que respeitava ao apoio total e incondicional de Eanes.

Para o PRD — cujo suporte partidário era obviamente fundamental — a candidatura da Alta Autoridade nunca deixou de ser encarada como uma fatalidade a que o partido deveria naturalmente sujeitar-se por se tratar de uma escolha de Ramalho Eanes, muito embora se tratasse de uma candidatura que «dividiria necessariamente quer a massa de eleitores do partido quer os seus dirigentes e militantes» como hoje reconhecem vários dos seus dirigentes. Os mesmos que admitem também que a votação do nome de Costa Braz em Conselho Nacional do partido, não correndo o risco de perder, traduzir-se-ia num resultado «provavelmente semelhante aquele que obteve Freitas do Amaral no Conselho Nacional do PSD». Nada brilhante, portanto...



Medeiros Ferreira entre Lourdes Pintasilgo e Salgado Zenha: se a hipótese de candidatura do antigo líder socialista pode trazer uma «alma nova» ao PRD, a engenheira continua a ser uma presença incomoda

De qualquer modo, terá sido a própria incapacidade do «staff» de apoio a Costa Braz em traduzir a disponibilidade do candidato em apoios políticos, materiais e organizativos o que mais contribuiu para a desistência deste potencial concorrente a sucessor de Eanes.

Neste «staff» destacavam-se as figuras de Miguel Caetano, João Botequilha e José Rabaça (já conhecidos da opinião pública), mas também homens mais inclinados para

uma candidatura de tipo Salgado Zenha, como Melo Antunes, Cunha Leal ou ainda João Soares Louro. A verdade é que, de reunião para reunião, ao coronel na reserva nada mais restou do que constatar os pequeníssimos avanços registados em coisas tão basilares (sobretudo a mês e meio da formalização das candidaturas) como sedes, dinheiro, meios técnicos, apoiantes e estruturas.

E se Palma Carlos, que já fora mandatário de Eanes em

1980, se dispusera de imediato a fornecer a sua colaboração, outros nomes considerados fundamentais, como o de Henrique de Barros, ter-se-ão quedado num «nem sim, nem não», porventura mais motivados para o apoio a outro tipo de candidatura civil e «verdadeiramente socialista» como a que pode ser agora a de Salganho Zenha.

Sucessivas reuniões inconclusivas com o referido «staff» levariam, pois, Costa Braz a

(Continua na pag 20-R)



Ramalho Eanes: o PR deixou claro que não apoia nenhum dos três candidatos no terreno — Soares, Freitas ou Pintasilgo